



## NO TABULEIRO DAS MEMÓRIAS: 'As Parceiras' em busca do seu 'Eu'

## ON THE MEMORIES BOARD: 'As Parceiras' in the search of their 'Selves'

Giovana Corrêa<sup>1</sup>

Marguit Carmem Goldmeyer<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo busca analisar na obra *As Parceiras* (1990), Lya Luft, os elementos da construção do 'eu', tais como o intimismo, relacionamentos e memórias. A autora aborda a construção da identidade de Anelise, personagem protagonista, ao longo dos capítulos do romance, lembrando dos acontecimentos de sua vida a fim de esclarecer o que aconteceu com ela até então, além da protagonista se descobrir. Partindo disso, a pergunta que se faz é: de que forma as memórias, inspiradas nas personagens, nos influenciam na constituição do nosso 'eu'? Percebe-se que as obras influenciam nas nossas lembranças e contribuem na formação da nossa identidade. Para elaboração desse artigo, como suporte teórico, serão utilizadas pesquisas que abarcam a temática desta dissertação (LE GOFF, 1990; DAMÁSIO, 2000).

**Palavras-chave:** Memórias. 'Eu'. Intimismo. Relacionamentos.

**Abstract:** This article analyzes the elements of the construction of 'self', such as intimism, relationships and memories in the book *As Parceiras* (1990) by Lya Luft. The author approaches the construction of Anelise's identity, the protagonist character, throughout the chapters of the novel, recalling her life's events in order to clarify what happened to her until then, besides the discovery of herself. Based on that, the question is: how do memories, inspired by the characters, influence us in the constitution of 'ourselves'? It is clear that the books influence our memories and contribute to the formation of our identity. As a theoretical support, researches that cover the theme will be used (LE GOFF, 1990; DAMÁSIO, 2000).

**Keywords:** Memories. 'Self'. Intimism. Relationships.

### 1 INTRODUÇÃO

É como se a vida fosse um jogo em que as peças mudam, mas as jogadoras são as mesmas. Incógnitas. [...] Saber: não sabemos nem de nós mesmos. (LUFT, 1990)

O romance *As parceiras*, escrito em 1980 pela escritora gaúcha Lya Luft, é narrado por Anelise que parte em uma trajetória de autoconhecimento em relação aos acontecimentos da sua vida. Os capítulos estão separados em dias da

<sup>1</sup> Graduanda de Letras Português/Inglês do Instituto Superior de Educação Ivoti. Ivoti, RS, Brasil. Contato: [giovana.correa@institutoivoti.com.br](mailto:giovana.correa@institutoivoti.com.br)

<sup>2</sup> Doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (2008), na Área de Concentração Religião e Educação, professora no Instituto Ivoti. E-mail: [marguit.goldmeyer@institutoivoti.com.br](mailto:marguit.goldmeyer@institutoivoti.com.br)

semana. Durante o tempo que Anelise passa no chalé de praia da família, deparamo-nos com momentos íntimos e marcantes que fazem com que ela se distancie do mundo externo com o intuito de resolver a confusão do mundo interno e entender por que os eventos se sucederam dessa forma ao longo de sua vida.

A obra discorre acerca dos relacionamentos familiares e constrói as memórias da personagem em partes com a intenção de analisar os episódios da sua vida, sendo cada uma das personagens da sua família um elemento importante desse jogo das memórias. Com o desenrolar da história, a personagem não só vai organizando o seu passado e presente, como também descobre o seu 'eu'.

Esse reconhecimento é presente na narrativa de Anelise, que através de suas memórias revive acontecimentos de sua vida, buscando entender o quanto elas influenciam nos seus relacionamentos e na formação de sua pessoa.

## **2 NO TABULEIRO DE AS PARCEIRAS: INTIMISMO, MEMÓRIAS, RELACIONAMENTOS**

No romance, a autora aborda o intimismo através das memórias da protagonista, a qual sente a necessidade de “[...] descobrir como tudo começou, como acabou. Por que acabou.” (LUFT, 1990, p. 18), ela busca reviver suas memórias com a intenção de entender o sentido da sua vida, descobrindo o seu 'eu'. Ao longo dos dias, Anelise percebe os detalhes da vida de seus familiares que se perderam nas paredes do chalé, começa a encontrar-se através da história de suas raízes, de sua família de mulheres doidas, e desperta memórias que influenciaram em seus relacionamentos. Segundo Le Goff (1990, p. 423) “A

memória, como propriedade de conservar certas informações [...] graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.”

A memória é um dos recursos utilizados para essa narrativa homodiegética centralizada na narradora, existindo um distanciamento temporal entre o que é narrado e quem narra: “Hoje sei todos os detalhes que há para saber sobre sua vida, mas a verdade perdeu-se entre aquelas paredes” (LUFT, 1990, p. 13). A autora utiliza esse recurso para identificar a protagonista. Na obra a identidade se estrutura por meio de fragmentos das memórias ‘escondidas’ no chalé de praia da família, em que cada parte é a história de uma das mulheres da família.

O fluxo de consciência da personagem faz com que ela se aprofunde em seus pensamentos com a intenção de compreender o porquê daquela memória a afetar, para Damásio (2000, p. 248)

[...] a consciência central pode ser distinguida das inferências que podemos fazer acerca dos conteúdos da consciência central. Podemos inferir que os pensamentos em nossa mente são criados de nossa perspectiva individual, que eles nos pertencem, que podemos agir sobre eles, que o protagonista evidente da relação com o objeto é nosso organismo. [...] a consciência central começa antes dessas inferências: ela é o próprio fundamento, o sentido puro e simples de nosso organismo individual no ato de conhecer.

Conforme proposto por Félix (2004), a memória está relacionada com as lembranças das vivências e somente existe quando as relações afetivas criam o pertencimento a um grupo, mantendo-o no presente. Esse conceito de memória é importante para entendermos o livro, em que a narradora recorda seu passado e estabelece o laço que une as mulheres da família.

### 3 AS MEMÓRIAS DE AS PARCEIRAS

A autora faz com que o leitor viaje pelas memórias do chalé, lugar que une as mulheres dessa família. A história começa com sua avó Catarina que se casou cedo e teve que sucumbir às vontades do marido abusivo. Desse casamento teve alguns abortos e quatro filhas: Beatriz, Dora, Norma e Sibila. Isso é o que a personagem sabe sobre as suas raízes, “uma família de mulheres. [...] uma família de doidas.” (LUFT, 1990, p.15-16). Para Anelise a convivência familiar era frágil, da avó lembrava-se do cheiro de alfazemas, o sótão e a loucura. Sua tia Beatriz era chamada por Beata, a rezadeira de alma amargurada. Tia Dora é a pintora de monstros que escondia os rabiscos de anjos e levava a vida como bem entendia. Tia Sibila era Bila ou Bilinha, mas muitas vezes chamada de retardada e anã, a que se comportava mal e adorava bicho-da-seda. Por fim sua mãe, Dora, que vivia em um mundo distante e era frágil igual à mãe. Outra mulher importante é sua irmã, Vânia, a desinteressada, independente e infeliz.

Todas elas compartilham do mesmo medo: enlouquecer. Começou com sua avó que ao longo dos anos foi perdendo a lucidez e acabou isolando-se no sótão, onde criou um novo mundo; Beatriz fora casada por três semanas até o marido se suicidar; Dora teve alguns homens, mas nenhum filho biológico; Vânia sucumbiu às vontades do marido de ser um casal sem filhos. Anelise bem que tentou, casou-se com Tiago, teve quatro abortos e por fim seu filho Lauro que nascera com uma lesão cerebral, acidente no parto, e com dois anos de vida previstos. Nesse desafio de fugir da loucura, todas se encontram no mesmo jogo em busca de si mesmas. As relações entre as mulheres da família eram frágeis, elas se sentiam sós e angustiadas.

A vida e a morte, parceiras inseparáveis, atuam traiçoeiramente na trajetória de Anelise. Presente e passado alternam-se ao longo do romance, na mente da narradora, que vê em seu futuro apenas um ponto de interrogação e o silêncio profundo. Esse recurso intimista – a valorização do espaço interior por meio do monólogo – fortalece as reflexões, fazendo de Anelise mais um espaço que uma personagem. Ela é o palco onde todas as buscas e perguntas são feitas. (MELO, 2005, p.44)

Através dos *flashbacks* da infância e juventude de Anelise, compreendemos a importância que esses fatos tiveram sobre ela, influenciando o se tornou quando adulta.

#### 3.1 Memórias afetivas

A memória é formada pelas lembranças que estão na consciência. Para gerar uma é necessário que prestemos atenção aos acontecimentos e, quando envolve afeto, propendemos a prestar mais atenção, o tema é do nosso interesse. As situações que envolvem afeto são as que mais memorizamos e está na base para formar a memória. Para Portillo (2006)

Uma memória afetiva pode se desenvolver a partir de uma percepção sensorial como um odor, um som, uma cor, desde que tal percepção esteja ligada a um momento afetivo importante. O resgate da memória afetiva é fundamental no nosso processo de desenvolvimento psicológico, de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal. Quando resgatamos nossas memórias estamos trazendo com elas a possibilidade de revisar, compreender e digerir determinadas situações que podem estar bloqueando nosso ir em frente. Podemos estar paralisados, sem perceber, em situações antigas que não foram bem resolvidas e entendidas.

Na obra a personagem se isola no chalé e começa a investigar as memórias do passado. Ao falar de sua infância faz seus olhos de adulto procurar por explicações para a sua existência. No artigo 'Memória e ficção em *As Parceiras de Lya Luft*', Hellmann (2010, p. 4-5) expõe que

Anelise está a serviço desse trabalho de enfrentamento na tentativa de restaurar os sentidos latentes, potencializados nos guardados da memória, da memória-sótão. É uma elaboração que busca nas raízes familiares, origens para as características da sua personalidade [...]

Um pensamento constante da narradora que a acompanha sempre é da sua amiga Adélia, que era alegre, gostava do cemitério no topo do morro e falava da morte com muita facilidade, mas seu pedido era que a amiga perdesse a “[...] mania de se plantar naquele rochedo.” (LUFT, 1990, p. 22). Adélia partiu cedo, sua morte chegou sem avisar e Anelise perdeu sua melhor amiga. Ficou sabendo que ela “[...] despencara do rochedo para as espumas pardacentas, sem um grito. Tragada pelas ondas que a lamberam das pedras pretas de mariscos e bateram seu corpo várias vezes. Estava morta: uma alma eterna.” (LUFT, 1990, p.24).

Segundo Bosi (1994, p. 431 apud HELLMANN, 2010, p. 10), “[...] os amigos e parentes que se perderam aparecem fixados na sua idade juvenil ou no gesto de amizade que fizeram um dia.” Anelise discorre que nunca mais teve uma amiga como Adélia, “a morte entrou em mim como um ferimento que jamais sarava, pois logo outra pessoa morria e eu a enterrava naquele lugar.” (LUFT, 1990, p. 24), sua eterna indagação era se sua melhor amiga chamara seu nome enquanto caía do rochedo para o mar. As lembranças do seu relacionamento com Adélia vinham como ondas, a saudade de encontrar sua amiga no topo do rochedo a esperando com um sorriso, como se

aquele lugar as mantivesse firmes e lhes trouxesse força.

Bosi (1994, p. 425 apud HELLMANN, 2010, p. 9) diz que muitas das lembranças que relatamos mergulham num passado anterior ao nosso nascimento e nos foram contadas tantas vezes. Na obra percebe-se que as memórias relacionadas a sua avó foram lhe relatadas, assim a personagem cria uma conexão da história contada com a sua. Nesse jogo de desmontar e montar as memórias, redimensiona o passado. O sótão é um pensamento recorrente, pois ela “[...] sabia da história de minha avó Catarina, a do sótão, conhecia fragmentos da loucura, das falas, das cartas, da morte misteriosa.” (LUFT, 1990, p. 27), pois é nele que se revelam as lembranças do passado, os medos e a loucura, a vida e a morte.

## 4 MEMÓRIAS NA CONSTRUÇÃO DO ‘EU’

Pode-se dizer que as memórias são organizadas como um diário, onde o passado e o presente se entrelaçam e coexistem, e as peças se embaralham e o quebra-cabeça custa a se armar. As indagações que surgem fazem com que a personagem se refugie em si mesma, e, conseqüentemente, a leva ao autoconhecimento, ao seu ‘eu’.

### 4.1 Quem é o ‘eu’

A obra *As Parceiras* se enquadra na literatura intimista, enfoca no conflito do indivíduo no seu mundo consciente e inconsciente, desenvolve uma investigação da alma humana através do fluxo de consciência. A visão de um personagem é revelada por meio de uma abordagem marcante de seu pensamento. Para encontrar o ‘eu’ é preciso passar por um ritual de autoconhecimento, as emoções e os sentimentos são expostos e

explorados, analisando atitudes perante a sociedade, sendo necessário reconhecer a sua própria imagem sem que tenha perdido a sua essência.

No romance, Anelise expõe seus pensamentos acerca de todos os acontecimentos da sua vida, encontrando a influência deles na construção do seu 'eu'. Seus dias no chalé se deram em "[...] deitar-se para sofrer menos, refugiada nas lembranças para não ter que decidir a vida, mergulhar no passado para não enfrentar o futuro. Ou para entender o presente?" (LUFT, 1990, p.94). Em sete dias a personagem consegue se aprofundar nas memórias, compreende o seu relacionamento com sua irmã Vânia.

Vânia nunca me faz confidências. Interessa-se por mim, o que nunca aconteceu antes, fala, ri, passeamos, fizemos compras, mas não penetro no seu quarto secreto. Antes dele há um corredor comprido, escuro, prantos escondidos. Todo mundo com medo. Ela não terá alguém com quem trocar segredos, desabafar? [...] Tinha vontade de perguntar a minha irmã sobre a sua verdadeira vida: Vânia, como é seu casamento? Tudo que se fala de você, de seu marido, é verdade? Mas não perguntava, tinha medo de que o rosto arrumado se despedaçava, estilhaços de gente, e nunca mais pudesse se recompor. Deixava-a falar, falar, girando em torno do segredo que a minava: a promessa antes do casamento, nada de filho. (LUFT, 1990, p.98-99)

Seu marido distante também é lembrado por ela, "achei que talvez Tiago me telefonasse, mas, pensando bem, não havia o que dizer. Que aceitava a separação, era lógico: estávamos mais que separados." (LUFT, 1990, p. 47). As memórias de sua avó e tias são constantemente revividas durante esse período, eram "uma família triste e patética, todo mundo querendo sobrenadar - mas, e as águas? Teatro de sombras, incógnito. O sótão." (LUFT, 1990, p.140).

Durante sua caminhada até o topo do rochedo, Anelise chega até a beira onde Adélia mostrava sua coragem e pensa que podia ser uma libertação. Olhando para o mar que sempre amou pensa nos fragmentos das pessoas afogados nas espumas e, "de repente, sei quem é. Não entendo como não a reconheci antes. Então era por mim que ela estava esperando, todo esse tempo. Esse longo tempo. Descemos de mãos dadas." (LUFT, 1990, p.149).

#### 4.2 Elos entre as memórias dos personagens e do leitor

A relação entre as obras literárias e o leitor é íntima, cada pessoa que lê interpreta do seu modo, de acordo com as suas memórias, experiências e seu contexto social. A identificação muitas vezes é inevitável, já que é da realidade da sociedade que o escritor retira as ideias para escrever sua obra. Segundo Melo (2005, p. 66-67),

No romance, narradores e leitor interagem, pela individualidade transbordante, em uma falsa coletividade, já que as personagens estão presas em seu poço silencioso, a alma. Não conseguem, em momento algum, desvincular-se dele para chegarem ao contato autêntico com os outros integrantes da família. Essa forma narrativa, típica do romance, que contém a visão moderna, relativizada, do mundo, aproxima o leitor da obra, pois ele entra na mente das personagens, conduzido por seus segredos mais ocultos.

Pode-se dizer que a memória do autor influencia na sua interpretação da obra. As memórias das personagens encontradas nas obras muitas vezes se conectam com o leitor, e ele pode encontrar conforto por saber que outro alguém está na mesma situação que ele. É inevitável pensar que o intimismo representa a sociedade e as obras auxiliam no processo de

autoconhecimento.

## 5 A EXPERIÊNCIA DO PORTIFÓLIO

No decorrer das aulas da disciplina de Literatura Sul-riograndense, fomos instigados a confeccionar um portfólio através das leituras realizadas, encontrando nelas um personagem de que gostássemos, para assim redigir um artigo. Deparamo-nos com obras que nos fizeram refletir. Essas abordavam temas como o intimismo, a migração, as mulheres e muitos outros temas que se podem explorar.

As personagens dos livros nos envolveram em suas histórias através de relatos de acontecimentos e memórias lembradas, esta última sendo o tema deste artigo. As lembranças que cercam os protagonistas das histórias fazem com que eles criem sua identidade, assim os leitores criam uma empatia com aqueles que se aproximam de si mesmo.

O processo de elaboração do portfólio provocou reações diversas entre os participantes. Parar e refletir sobre o que acontece no nosso interior ao nos depararmos com personagens que nos causam repugnância, indiferença, ou então, que fazem com que nos identifiquemos com elas. É um movimento visto com diferentes percepções.

A identificação com a obra *As Parceiras* fez com que eu rememorasse lembranças vividas em família. Valores presentes na relação com amigos emergiram e me levaram a registros feitos com amor, como uma forma de diálogo entre passado, presente e futuro. Registrar, ora através de imagens, outras vezes só com palavras, ou ainda, por meio de poemas que brotavam da essência e conectavam-se com as falas e contribuições dos colegas. A dinâmica fez com que a literatura sul-rio-grandense extrapolasse divisas geográficas, emocionais e desenhasse um mundo de possibilidades de diálogos

transdisciplinares, entre sujeitos que, escrevendo sua história, viam-se nos enredos dos demais, discutindo realidades e impulsionando sonhos

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a escrita do presente artigo e a confecção do portfólio ficou evidente o quanto a memória interfere na construção da nossa identidade. No momento em que estamos arquivando as informações e atos vivenciados referentes ao nosso passado, vemos que existem diferentes formas de memória individual e coletiva. Uma depende da outra, pois as lembranças são constituídas através do nosso interior. Na obra *As Parceiras*, Anelise passa toda a história utilizando suas memórias para explicar o seu futuro e nos mostra como é possível construir a identidade.

A elaboração do portfólio foi um momento de autorreflexão, autobusca e autocompreensão. É essencial essa viagem ao seu interior para se conhecer ou reconhecer, aprender com os erros e enfrentar os caminhos impostos pela vida, chegar ao topo do penhasco como fazia Anelise e apreciar cada passo da chegada até lá. Ser capaz de desnudar-se de verdades para enxergar a verdade do outro e, assim, descobrir os significados da nossa vida, expressos por ecos que vêm de abismos de rochedos ou das nossas entranhas. Todavia, sem jamais perder de vista o horizonte que nos convida para trilhar veredas, atalhos com esperança e solidariedade.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Myrian Moraes Lins de. Memória e família. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2277>. Acesso em: 21 jun. 2020.

CANTARELLI, Ana Paula. O presente como reflexo do passado: a memória como construtora da identidade na obra *As Parceiras*, de Lya Luft. **Revista Urutágua**, Maringá, PR, n. 17, p. 114-123, dez. 2008/mar. 2009. Disponível em: <http://www.passenaufgrs.com.br/dicas/literatura/as-parceiras-lya-luft-resumo.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2020.

DAMÁSIO, Antônio. **O mistério da consciência**: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FELIX, Loiva Otero. **Memória e memória histórica** - a problemática da memória. Passo Fundo: UPF, 2004. p. 39. Disponível em: [http://www.fafich.ufmg.br/hist\\_discip\\_grad/problematiza\\_memoria\\_felix.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/hist_discip_grad/problematiza_memoria_felix.pdf). Acesso em: 27 jun. 2020.

HELLMANN, Risolete. Memória e ficção em *As Parceiras* de Lya Luft. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 12, n. 12, p. 1-13, 2010. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/2373>. Acesso em: 25 jun. 2020.

KOBNER, Silmara Opalinski. **Preservação da memória familiar**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2071-8.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.

LUFT, Lya. **As parceiras**. São Paulo: Siciliano 1990.

MELO, Cimara Valim de. **Lya Luft: percursos entre intimismo e modernidade**. 2005. 142f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp005124.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

PAULA, Angélica Amaral de. **Rememoração e identidade no romance *As parceiras***. [2016], 17f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Português) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, [2016]. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/508/o/Ang%C3%A9lica\\_Amaral\\_de\\_Paula.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/508/o/Ang%C3%A9lica_Amaral_de_Paula.pdf). Acesso em: 27 jun. 2020.

PORTILLO, Vanilde Gerolim. O resgate da memória afetiva. **Portal da Psique**, 26 mar. 2006. Disponível em: [http://www.portaldapsique.com.br/Artigos/Resgate\\_da\\_memoria\\_afetiva.htm](http://www.portaldapsique.com.br/Artigos/Resgate_da_memoria_afetiva.htm). Acesso em: 30 jun. 2020.

Recebido em: 05/11/2020

Aceito em: 15/11/2020